

CULT

200

ano 18
abril 2015
R\$ 14,50

www.revistacult.com.br

ISSN 1414707-6



ENTREVISTA **CHRISTIAN DUNKER**

"A CULTURA BRASILEIRA
NÃO PODE SER PENSADA
SEM A PSICANÁLISE"

ARTHUR OMAR

E A FOTOGRAFIA DO NÃO-VISTO

ORSON WELLES

INACABADO E INCÔMODO

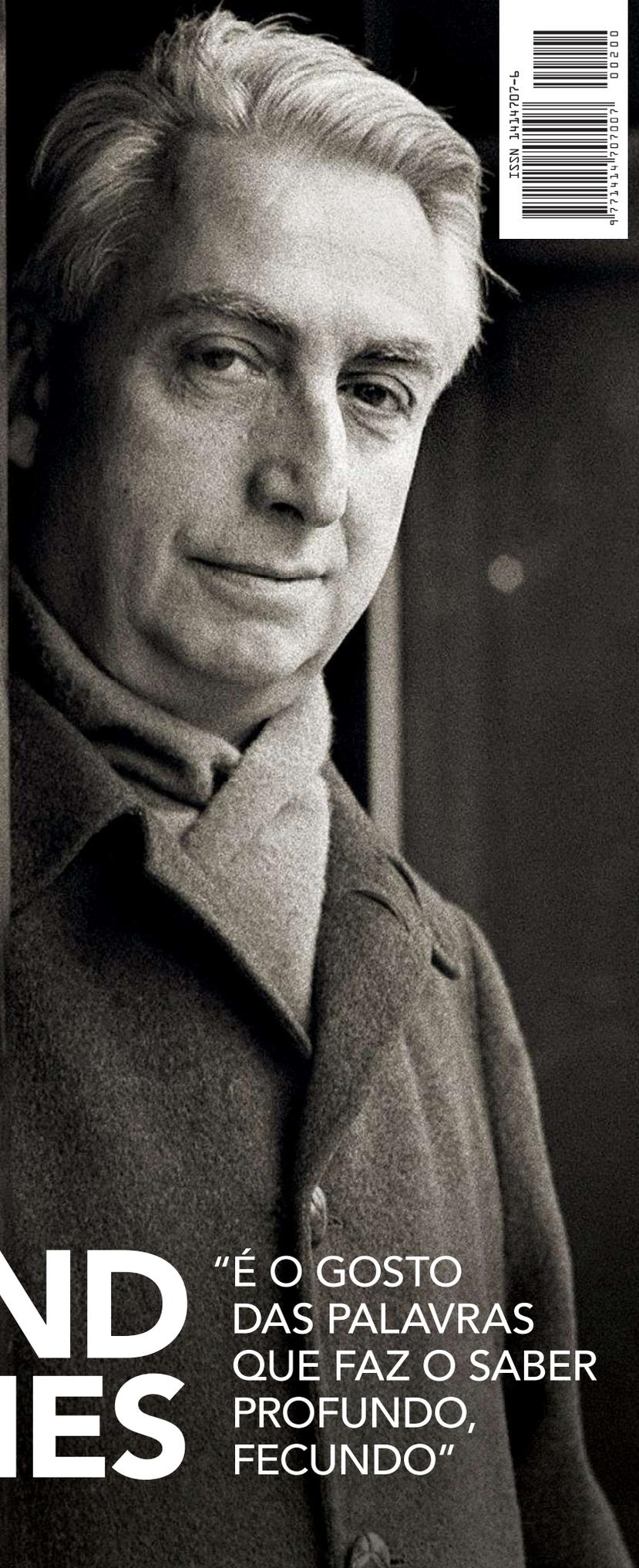
ENSAIO **PATÍBULO E PERDÃO**

A RAZÃO INSTRUMENTAL NÃO
NOS LIVROU DO CADAFAQSO

DOSSIÊ **CENTENÁRIO**

ROLAND BARTHES

"É O GOSTO
DAS PALAVRAS
QUE FAZ O SABER
PROFUNDO,
FECUNDO"



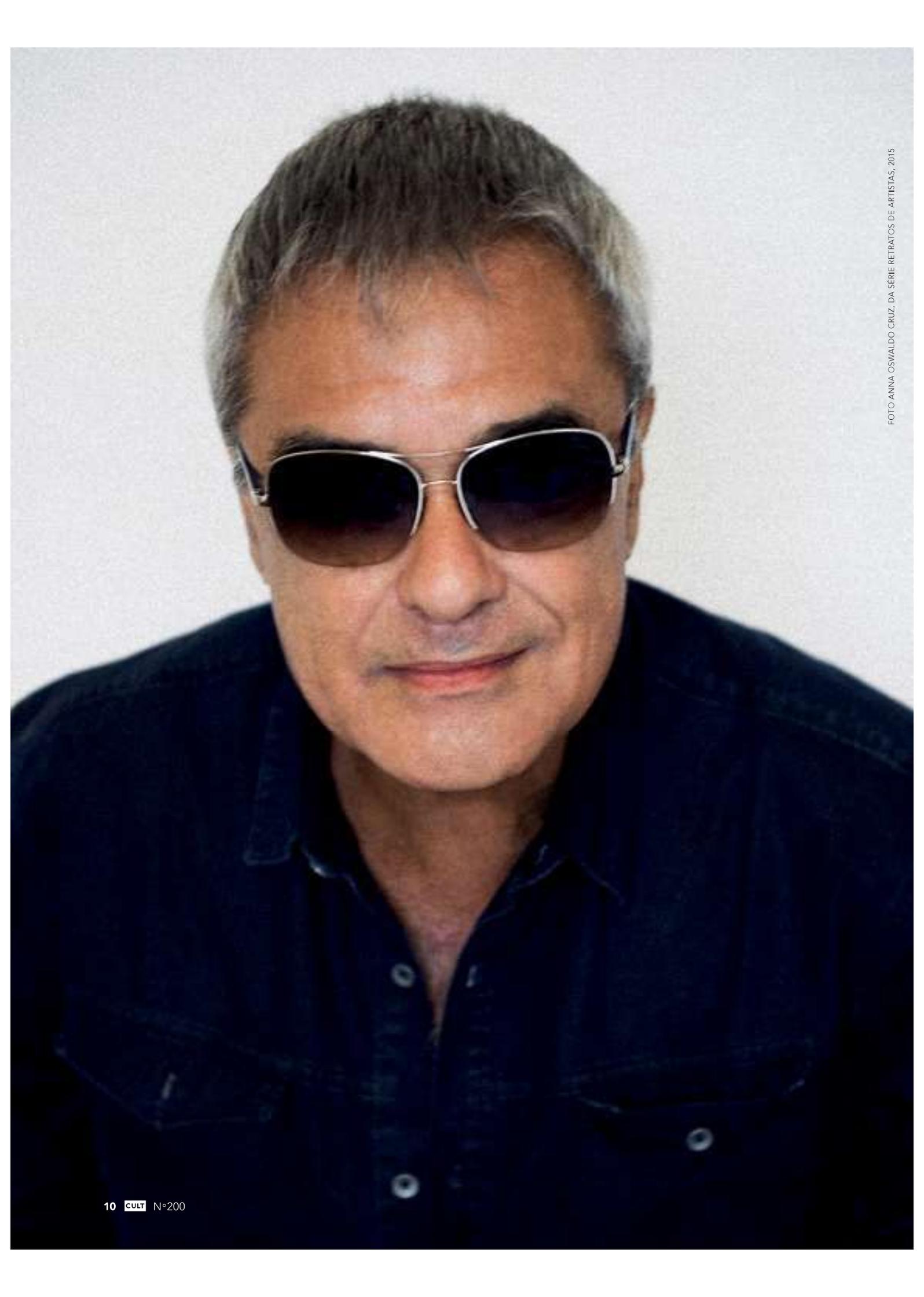


FOTO ANNA OSWALDO CRUZ, DA SÉRIE RETRATOS DE ARTISTAS, 2015

A FOTOGRAFIA DO NÃO-VISTO

Em seu novo livro, o multiartista Arthur Omar procura a infinitude potencial da percepção

HELDER FERREIRA

“**S**e as portas da percepção estivessem limpas, tudo apareceria para o homem tal como é: infinito”. A frase do poeta inglês do século 18, William Blake, que inspirou o escritor compatriota Aldous Huxley a publicar um livro sobre suas experiências alucinógenas com mesalina em 1954 e que, alguns anos depois, inspirou o músico Jim Morrison a batizar sua banda de The Doors, também instigou o multiartista Arthur Omar a partir numa jornada de investigação estética. Seria possível multiplicar, dentro do processo fotográfico, a infinitude potencial da percepção?

O resultado desse questionamento encontra-se nas cerca de 270 páginas de *Antes de ver – Fotografia, antropologia e As portas da percepção*, livro publicado pela Cosac Naify, que mistura ensaio fotográfico com escritos teóricos e, sobretudo, registra o momento em que o Arthur passou a fotografar “sob o signo da pantera”. Ele explica: “Fotografar sob o signo da pantera não é fotografar as panteras do mundo ou sair por aí vendo as coisas mais. Ao contrário, sob o signo da pantera eu sou o ser denso, eu tenho a densidade, eu carrego a presença absoluta da experiência e diante disso o mundo vai perdendo a forma, vai perdendo o nome; as coisas deixam de ser identificadas para que a relação da pantera com os objetos produza um tipo de imagem totalmente diferente”.

Por *Skype*, de seu apartamento no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, ele se expressa numa profusão de conceitos e histórias, que pontua com gestos largos e diferentes modulações de voz. Às vezes, ➡➡➡

se surpreende com o que ele mesmo diz: “Tá aí: isso eu não tinha pensado antes”, exclama, anunciando uma ideia recém-forjada, um conceito que explana um dos processos criativos do novo trabalho – fotografar “sem ver”. “Esse ‘sem ver’ não é necessariamente pegar a câmera e clicar, sem olhar; diz respeito a uma sensação experiencial, perceptiva. Dentro de um determinado espaço, eu posso estar com os meus olhos, a minha câmera apontada pra cá, mas existe alguma coisa entre eu e aquilo que, na verdade, não estou percebendo mesmo dentro do campo virtual. Então é isso: esse não visto dentro do visto é o que eu estou chamando de fotografar sem ver.”

Conversar com Arthur sobre sua obra é, de certo modo, parecido com observar suas fotografias em *Antes de ver*. A princípio, pensa-se estar defronte a visões de mundo completamente abstratas, ininteligíveis, no entanto, conforme se aprofunda o olhar (ou se aprofunda a conversa), figuras começam a se revelar – sejam elas de personagens que povoam suas composições ou de aspectos de sua trajetória artística e pessoal.

Um exemplo são as diferentes variações do quadro *Moça com brinco de pérola*, do pintor holandês Johannes Vermeer. A releitura dá sensação de movimento à tela pintada no século 17. Apesar de ser a mais reconhecível dentre as imagens, ela encerra em si todo o conceito de percepção investigado pelo fotógrafo. “Se eu consigo mudar a maneira como uma imagem – pintada, totalmente fixa e que todo mundo já viu – vai me olhar a partir de uma operação da minha própria percepção, será que todas as fotografias ditas realistas ou, no caso do meu trabalho, antropológicas, também não são determinadas por esse elemento projetivo em que eu acho que estou vendo uma coisa e na verdade eu estou vendo outra?”, questiona.

FACE GLORIOSA

Arthur nunca foi muito afeito à fotografia essencialmente documental. Ganhou sua câmera ainda criança e, aos doze anos, já experimentava com os processos de revelação em laboratório. “A fotografia não tinha nessa época um sentido universal como hoje. Meu pai me dava um certo incentivo desde que não fosse para ser fotógrafo. Ser fotógrafo era muito pouco; então era só como hobby, mas tinha esse apoio”. Aos dezoito, o passatempo se tornou uma profissão: ele foi fazer um estágio como repórter fotográfico do *Jornal do Brasil*. Deixou o cargo após quatro dias, pouco depois de ter de fotografar um cano estourado em algum lugar ermo do Rio de Janeiro. “Essa

relação testemunhal da fotografia não faz parte do meu desejo fotográfico. O meu desejo é fotografar o que eu não vi; quero olhar para a imagem e descobrir o que eu não conhecia. É um processo investigativo onde eu vou mergulhar no real a partir de formas ou figuras que estou vendo pela primeira vez e que só existem porque me relacionei com aquela imagem de uma maneira nova.”

Apesar do interesse por fotografia, ele decidiu cursar Sociologia e Antropologia. No entanto, não seguiu a profissão – ao menos, não de forma ortodoxa. “Considero que, dentro da Antropologia, criei um ramo próprio, do qual eu sou o maior especialista e talvez o único: a Antropologia da Face Gloriosa, que é a Antropologia desses estados de êxtase tais como capturados pela câmera que é empunhada por um fotógrafo que emite, através dela, um êxtase que ele mesmo não conhece.”

Antropologia da Face Gloriosa é uma série de retratos de foliões clicados por Arthur durante os carnavais das décadas de 1970 a 1990. “É uma compilação de vinte anos fotografando sem saber por que estava fotografando. Havia uma consciência da arte, mas eu não estava fazendo arte”, define Arthur. O trabalho foi apresentado em duas mostras individuais – em 1984, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, e no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, em 1993 –, depois, em 1998, integrou a 24ª Bienal de São Paulo, mesmo ano em que se tornou livro, publicado pela Cosac Naify, em que 161 retratos são acompanhados por um texto da ensaísta e professora Ivana Bentes – esposa do autor.

O responsável pela concretização do projeto é o *publisher* Charles Cosac, um dos sócios-fundadores da editora. À época, ele buscava projetos de livros de arte para o selo que havia acabado de nascer. Aconselhado por um amigo, visitou o ateliê de Arthur para conhecer seu trabalho. Saiu de lá determinado a publicar *Antropologia*. “Fui visitá-lo sem conhecê-lo e sem conhecer sua obra; nesse dia foram três encantos: ele, a obra e a Ivana. Fiquei realmente fascinado”, conta. A partir disso, surgiu uma parceria que perdura há



DIVULGAÇÃO

Releitura do quadro *Moço com brinco de pérola*, de Johannes Vermeer, parte da série "Pérola", do livro *Antes de ver*

quase vinte anos e resultou em mais quatro livros. Charles tem um favorito: *O esplendor dos contrários*, um ensaio fotográfico sobre a Floresta Amazônica. "É um livro que foge do clichê sobre a floresta, mostra uma Amazônia rosa-choque, azul turquesa. A coragem dele em colori-la me fascinou."

Dos livros publicados pela editora, destaca-se também *Viagem ao Afeganistão*, de 2010 – um compilado de 600 instantâneos tirados, oito anos antes, durante uma excursão ao país que acabara de ser ocupado por tropas militares estadunidenses. Da empreitada, também nasceu *Cavalos de Goethe*, filme-arte que registra uma partida de *buzkaschi* – esporte afegão em que os jogadores se digladiam, montados a cavalo, para tentar agarrar a carcaça sem cabeça de uma cabra.

ESCRITURA DE ARTISTA

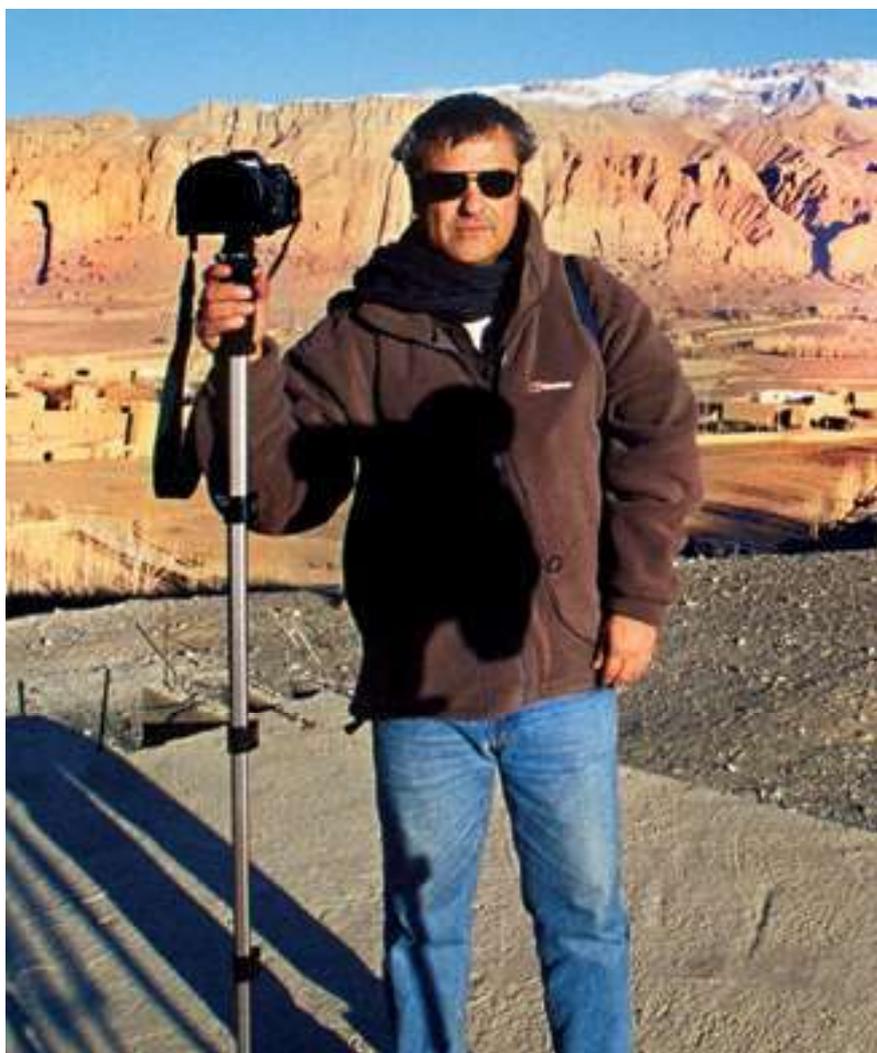
Arthur também é autor de uma extensa filmografia produzida, principalmente, durante as décadas de 1970 e 1980, e que já foi tema de retrospectivas no Museu de Arte Moderna de New York (MOMA) em 1999 e no Centro

Cultural do Banco do Brasil do Rio de Janeiro em 2001. Entre curtas e longas-metragens em película e gravações em vídeo de curta ou média duração, destaca-se *Triste trópico*, um pseudodocumentário de 1974 que conta a história de um médico que, após uma temporada de estudos na Europa, volta ao Brasil e se torna uma figura messiânica. O teórico e professor de cinema da USP, Ismail Xavier, aponta alguns elementos que tornam o filme um clássico: "*Triste trópico* traz uma nítida ironia endereçada ao documentário convencional e outros gêneros narrativos ao dialogar com a experiência da viagem aos trópicos em suas múltiplas variantes históricas, do período colonial ao contemporâneo. É obra originalíssima, fora dos parâmetros da polêmica entre Cinema Novo e Cinema Marginal".

Ismail vê a obra de Arthur como desenvolvimento de uma reflexão fundamental sobre a imagem e o som na cultura contemporânea que problematiza a relação entre a imagem e o real. "Seu trabalho não se reduz a uma estratégia desconstrutiva de negação das conexões entre imagem-som em movimento e o ➡➡➡"

“

O MEU DESEJO É
FOTOGRAFAR O QUE
EU NÃO VI; QUERO
OLHAR PARA A IMAGEM
E DESCOBRIR O QUE EU
NÃO CONHECIA



Acima, Arthur Omar no rochedo de Bamiyan, em 2002 no Afeganistão, onde estavam os Budas gigantes antes de serem explodidos pelos talibãs no ano anterior. Abaixo, o artista na Bienal da Imagem em Movimento (Buenos Aires, 2014) em frente à instalação *Os cavalos de Goethe*, onde diferentes sequências originais do filme eram projetadas simultaneamente



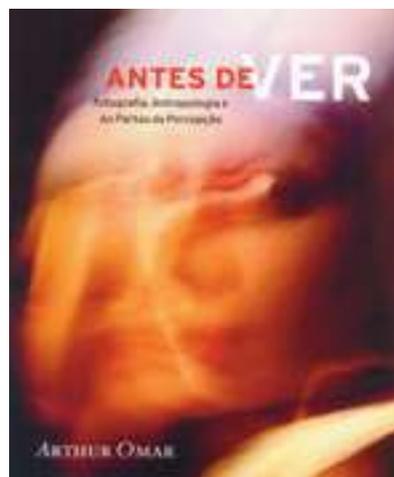
mundo ou a subjetividade, valendo mais sua afirmação incisiva da construção de uma outra forma de conexão com a experiência concreta que absorve de modo radical a materialidade do filme, a textura, a não transparência, para afirmar uma nova relação”, comenta.

Triste trópico também foi o filme que aproximou a estudiosa de cinema Lucia Monteiro da obra de Arthur. Durante seu doutorado, ela começou a dar aulas sobre cinema latino-americano na Universidade Paris 3 e decidiu organizar uma exibição do longa na capital francesa. O evento aconteceu em 2013, com a presença do artista. A partir disso, surgiu a vontade desenvolver um trabalho em conjunto. “Fiquei impressionada com o material ligado ao filme que o Arthur conserva, e na amplitude da pesquisa que o precedeu. Por enquanto só fiz uma visita ao arquivo dele, que é incrível. É um material enorme, que rende um livro, uma exposição e um novo filme”, conta ela, que também chama a atenção para o trabalho ensaístico do autor, que tem destaque especial no livro *Antes de ver*: “Suas formulações indicam um prazer pela escrita que é raro nos textos teóricos. Trata-se da escritura de um artista, cheia de jogos de palavras, de

formulações quase barrocas. As aliterações, os jogos de palavras, os trocadilhos, a irreverência... Esses elementos já estavam ali, no uso das palavras em *Triste Trópico*.”

É justamente a escrita que Arthur pretende enfocar em seus novos projetos. Ele conta que, apesar de seu interesse mais básico ao longo do tempo ter sido essencialmente o cinema, o mais profundo sempre foi a escrita. “É algo que perpassa meu trabalho, muitas pessoas não conhecem, mas que agora eu pretendo revelar na minha obra pública.”

Seu próximo livro, *Arthur Omar, Falas sobre a imagem* (Coleção Arte e Tecnologia), que também sairá pela Cosac Naify, trará escritos sobre teoria de imagem baseados em “intervencões orais” do autor, isto é, entrevistas que concedeu, mesas redondas de que participou, palestras e até mesmo aulas. “São relações de fala onde procuro explicar conceitos inerentes ao meu trabalho. Conceitos que são muito importantes, mas nem sempre estão explicitados nos textos que acompanham minhas obras”, conta. Além disso, prepara também para este ano a exposição *Outras portas da percepção*, no Oi Futuro Copacabana. “Estou vindo com tudo, trazendo o fruto de muitos e muitos anos de trabalho.” ■



ANTES DE VER – FOTOGRAFIA, ANTOPOLOGIA E AS PORTAS DA PERCEÇÃO

Arthur Omar
Cosac Naify
R\$ 179,00 • 272 págs.